



Não há interconfessionalidade sem uma reforma da Igreja: reflexões à luz da recepção dos resultados do diálogo católico- luterano no interior da Igreja católica

*There is no interconfessionality without church
reformation: reflections on the horizon of Catholic-Lutheran
dialogue results reception within Catholic Church*

LUBOMIR ZAK^a

MARCIO LUIZ FERNANDES^b

Resumo

O presente estudo tem como objetivo discutir a tese de que uma autêntica e fecunda interconfessionalidade não pode ser realizada sem uma corajosa reforma da Igreja e, por conseguinte, do cristianismo como um todo. Por sua vez, queremos verificar quais problemas surgem na recepção da ideia de conectar a interconfessionalidade e a reforma da Igreja. Toda a reflexão será pautada pelo horizonte interpretativo oferecido pela celebração do V centenário da reforma de Martinho Lutero. Desse modo, apresentamos tal celebração como um evento que permitiu a manifestação do grau de maturidade ecumênica da Igreja católica na sua capacidade de interpretar os eventos em torno da Reforma luterana. A Igreja católica tem uma tarefa importante de revisão de suas narrativas históricas e teológicas precedentes para, por sua vez, poder desenvolver internamente uma convicta abertura ao princípio e à experiência de interconfessionalidade.

Palavras-chave: Martinho Lutero. Reforma da Igreja. Interconfessionalidade. Ecumenismo.

^a Pontifícia Universidade Lateranense, Roma, Itália. Doutor em Teologia, e-mail: zaklubomir@gmail.com

^b Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), Curitiba, PR, Brasil. Doutor em Psicologia, e-mail: marcio.luiz@pucpr.br

Abstract

This work aims at discussing the thesis that an authentic and fruitful interconfessionalism may not be accomplished without a courageous church reformation and, as it follows, a reformation of Christianity as a whole. Nevertheless, the work intends to verify which are the problems that arise in the reception of this interconfessionalism and reformation connection idea. The reflection is based on the hermeneutical horizon offered by Martin Luther's Reformation fifth centenary. This celebration is presented as an event that expressed Catholic church ecumenical maturity in its capacity to interpret Lutheran Reformation events. So, the Catholic church faces an important task in reviewing its historical and theological narratives in order to develop an internal conviction towards interconfessionalism principle and experience.

Keywords: *Martin Luther. Church reformation. Interconfessionalism. Ecumenism.*

Introdução: interconfessionalidade e reforma

A tese do presente estudo é conceitualmente simples e clara: não existe uma autêntica e fecunda interconfessionalidade¹ — mas nem mesmo uma verdadeira experiência intercultural — sem uma corajosa reforma da Igreja. Do mesmo modo, não pode existir uma autêntica e credível reforma da Igreja e do cristianismo sem uma real e convicta abertura à interconfessionalidade.

Se, de um lado, pode-se constatar que esta tese é hoje proclamada por tenazes ecumenistas, teólogos e por um razoável número de pastores da Igreja católica, incluindo o próprio papa; por outro lado é necessário que se verifique o estado atual da sua recepção por parte de toda a coletividade eclesial católico-romana. Como estão realmente as coisas? Qual o balanço real e não só teórico da questão? Existem problemas na recepção do nexos estabelecido entre a ideia de reforma e a interconfessionalidade no interior da Igreja Católica? É evidente que para responder a estas perguntas podemos escolher diferentes caminhos. Entretanto, aquele por nós escolhido pode parecer um tanto insólito, mas não menos eficaz do que os outros. Gostaríamos de pautar a nossa reflexão a partir do horizonte interpretativo oferecido pelo V centenário da Reforma de Martinho Lutero.

¹ O conceito de interconfessionalidade faz referência à disposição e abertura para estimar e valorizar tudo o que provém da outra confissão. O caminho interconfessional requer aprender e professar a fé *sub aspectu oecumenico* (UR 10), um convite para olhar os outros cristãos como irmãos e irmãs plasmados, no coração, pelo mesmo Espírito com o qual Jesus pronunciou – e sobre a cruz atualizou – as palavras da oração: *ut unum omnes sint*.

Como é sabido, o V centenário foi precedido, principalmente na Alemanha, por alguns anos de preparação (*die “Lutherdekade”*) ricos de eventos e atividades de natureza religiosa, ecumênica, cultural, editorial e acadêmica. Este evento representou uma extraordinária ocasião para refletir sobre um fato histórico de grande complexidade e ampla relevância, com suas múltiplas consequências. Ele evidenciou, por sua vez, o resultado de tantos esforços de reconciliação e de busca pela unidade, tendo como principal ponto de referência o diálogo oficial entre a Federação Luterana Mundial e a Igreja Católica (representada pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos), que justamente em 2017 celebrou cinquenta anos de suas atividades. Entre os frutos colhidos que queremos recordar aqui encontra-se o trabalho de estudo e de pesquisa elaborado por historiadores, estudiosos das religiões, teólogos e especialistas na matéria que se esforçaram na produção de numerosas obras entre as quais, dicionários, monografias, miscelâneas e artigos científicos dedicados à pessoa e à teologia de Lutero e à sua Reforma. Todos estes textos, assinados por crentes e não crentes, evangélicos-luteranos ou católicos, membros do vasto mundo protestante ou de outras confissões cristãs — praticamente de todos os continentes — compõem um único majestoso “monumento”, que nos fará recordar o centenário de 2017 — já por si próprio radicalmente diferente com relação aos precedentes² — pela sua fecundidade editorial³.

² A este propósito ver a sintética apresentação de MAFFEIS, A. *Il V Centenario della Riforma luterana: valore e significato per il cammino ecumenico della Chiesa. Studi Ecumenici*, v. 1-2, p. 287-304, 2018.

³ Sobre os estudos teológicos e historiográficos editados no período do V centenário é especialmente significativo ver BURIGANA, R. Cosa leggere? Note per una bibliografia sulla Riforma del XVI secolo e sulle sue eredità. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, v. 6, n. 2, p. 265-302, 2016.; ID., *Ecclesia semper reformata: la Riforma della Chiesa a 500 anni da Lutero. Paralellus. Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, v. 8 n. 19, p. 407-430, 2017. Segundo este estudioso, a bibliografia sobre Lutero e a Reforma publicada nos anos 2016-2017 ultrapassa a marca de 1500 títulos (cfr. *ivi*, p. 412). Significativo também são os variados dossiês e coletâneas que dedicaram ao tema, entre eles citamos *500 anos da Reforma* editado por Dario Rivera, José Kaefer, Helmut Renders, Lauri Wirth e Sandra Duarte de Souza na Revista Estudos de Religião (2016); *Lutero e a Reforma: 500 anos* editado por Paulo Agostinho Nogueira Baptista na Revista Horizonte (2016); *500 anos da Reforma* editado por Aparecida Vasconcelos e Sinivaldo Tavares na Revista Perspectiva Teológica (2017); *Reforma: perspectivas da teologia bíblica e histórico-sistemática* editado por Rudolf von Sinner na Estudos Teológicos (2017); *Igreja e Reforma* editado por Fernando Garrapucho, Marcial Maçaneiro e Elias Wolff na Pistis e Práxis (2017); *Ecclesia semper reformanda: reflexões para além dos 500 anos da Reforma Protestante* (2019), organizado por Elias Wolff, Jefferson Zeferino, Raquel Colet e Rodrigo de Andrade.

Não se quer, nesta contribuição, oferecer uma apresentação ou avaliação das múltiplas atividades desenvolvidas antes e durante o ano jubilar e nem mesmo das publicações elaboradas naquele contexto. Acima de tudo, se deseja apresentar o V centenário como um evento que permitiu a manifestação do grau de maturidade ecumênica da Igreja católica com relação à sua capacidade de interpretar e narrar a origem e os sucessivos desenvolvimentos da Reforma Luterana. Uma capacidade de interpretar caracterizada, como demonstraremos em seguida, por uma contraditória complexidade interna. Por isso, proporemos uma série de reflexões sobre algumas tensões e contradições referentes à atual compreensão, no interior da Igreja católica, do movimento reformador de Lutero e, em geral, do mundo da Reforma, como também do diálogo católico-luterano a partir dos seus resultados e dos próximos desafios a serem enfrentados.

As contradições internas à Igreja Católica sobre a história da reforma

A nossa primeira reflexão refere-se ao problema da falta de um olhar católico unitário e dividido, de modo mais abrangente, sobre a história da Reforma de Lutero e, em particular, sobre seus inícios e a respeito dos eventos de maior criticidade nas relações entre Roma e Wittenberg. Toca-se, aqui, precisamente no problema da existência — no interior da Igreja Católica — de visões contraditórias e posicionamentos radicalmente antitéticos.

Como é noto, as maiores autoridades da Igreja católica, representadas pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos junto com a Federação Luterana Mundial, resolveram dar vida a uma comissão mista de estudo encarregada de “juntas contar a história da Reforma Luterana”, procurando “superar tradicionais hermenêuticas antiprotestantes e anticatólicas a fim de encontrar um caminho comum para rememorar os eventos passados” (COMISSÃO LUTERANA-CATÓLICO ROMANA PARA UNIDADE, n. 35).

O documento intitulado *Do conflito à comunhão* foi fruto do trabalho desta comissão, tornado público no ano de 2015 e, desde então, considerado

ponto de referência para as duas Igrejas em vista da preparação e do desenvolvimento, em 2017, das celebrações do V centenário da Reforma. Tanto para os evangélicos/luteranos como para os católicos tratou-se de um ponto de chegada na direção de uma interpretação das origens da Reforma, conscientemente descontínua com relação às recíprocas explicações acusatórias dos confessionalistas do passado. É o que testemunham as recorrentes referências a tais interpretações ecumênicas por parte do papa Francisco⁴, do cardeal Kurt Koch — presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos — e de outros prelados do Vaticano. Desse modo, demonstra-se que as máximas autoridades romanas acolheram favoravelmente a síntese histórica proposta no documento. O problema é que a nova narração da história dos inícios e do desenvolvimento da Reforma, estimulada pela notável carta do papa João Paulo II ao cardeal J. Willebrands⁵ e por alguns documentos do diálogo católico-luterano, não é ainda aceita por uma parte do mundo católico, composta por alguns cardeais⁶, bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas, monges e monjas, como também por membros de certos movimentos ou associações eclesiais, sem falar aqui dos simples fiéis leigos. E justamente em 2017 este último grupo fez com que suas vozes fossem ouvidas, em uma espécie de contranarrativa, estimulada e apoiada por não poucos historiadores e teólogos sobretudo europeus⁷ e norte-americanos.

⁴ Conferir, por exemplo: *Homilia preparada pelo Santo Padre* (15.11.2015), Disponível em: <https://tinyurl.com/y4udr9q3>. Acesso em: 18 ago. 2020; *Oração ecumênica na catedral Luterana de Lund - Homilia do Santo Padre* (31.10.2016), Cf. <https://tinyurl.com/y6g5lkg5>. Acesso em: 18 ago. 2020; *Discurso aos participantes no Simpósio internacional promovido pelo Pontifício Comitê das Ciências Históricas com o tema "Lutero 500 anos depois. Uma releitura da Reforma luterana em seu contexto histórico eclesial"* (18.08.2017). Disponível em: <https://tinyurl.com/y3dawy3z>. Acesso em: 18 ago. 2020.; *Discurso à Presidência da Federação Luterana Mundial* (7.12.2017), Cf. <https://tinyurl.com/qtokp7b>. Acesso em: 18 ago. 2020).

⁵ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta do ao cardeal Johannes Willebrands por ocasião do 5º centenário do nascimento de Martinho Lutero* (31.10.1983). Disponível em: <https://tinyurl.com/y69moaqf> (acesso: 18.08.2020).

⁶ Observe-se, por exemplo, as posições críticas dos cardeais: G. Müller, *Quella di Lutero? Non fu riforma, ma rivoluzione*. In: «La Nuova bussola quotidiana». Disponível em: <http://tinyurl.com/ya9x26c8>. Acesso em: 20 jan. 2020, e W. Brandmüller, *La Riforma secondo Lutero*, in «Il Foglio», 26.02.2017: <https://tinyurl.com/qpz6r9v> (acesso: 20.01.2020).

⁷ Nos referimos aqui, por exemplo, ao caso italiano. Entre as vozes católicas italianas merece ser citada Angela Pellicciari, docente de história da Igreja nos seminários neocatecumenais *Redemptoris Mater* e ensaísta (também radiofônica: na popular Radio Maria conduz um programa intitulado "A verdadeira história da Igreja"). Pellicciari tem se dedicado, desde alguns anos, em uma instrumental e antiecumênica apresentação do "verdadeiro rosto" de Lutero e da Reforma.

Qual seria, então, o motivo para tal resistência, já que não se verificou a mesma atitude por parte da cristandade evangélico/luterana? Os motivos, certamente, são múltiplos, mas, de qualquer forma, prevalece aquele da fidelidade, por parte dos católicos, aos juízos de condenação sobre Lutero e a Reforma formulados pelos papas Leão X⁸ e Adriano VI⁹. Tais juízos com referência aos luteranos foram repropostos, explícita ou implicitamente, pelos papas Clemente VII, Paulo III, Urbano VIII, Pio IX, Leão XIII, Pio X e Pio XI. Trata-se de opiniões que interpretam a ação reformadora do doutor de Wittenberg como fruto de uma obstinada desobediência à autoridade eclesiástica. Tal ação teria desencadeado uma grave alteração da fé cristã, com a conseqüente divisão do cristianismo ocidental. Já que estes juízos não foram anulados ou corrigidos por parte da grande autoridade do Magistério e continuaram a ser compartilhados pacificamente por mais de quatro séculos ao interno da Igreja Católica — nos seus manuais de história, nos seus escritos de teologia e na pregação de não poucos pastores —, não surpreende que a proposta de uma nova interpretação não só não convença, mas receba, aliás, numerosas críticas. De fato, como poderá ser acolhida a nova leitura da história, se ainda existem afirmações como aquelas de Pio IX, segundo a qual não pode escapar da sabedoria do poder civil “que os princípios de todos os males que nos causam aflição remontam aos danos que por muito tempo foram produzidos à Religião e à Igreja Católica sobretudo pelo nascimento dos Protestantes”¹⁰. Existem ainda afirmações formuladas por Pio X — um século atrás — por ocasião do III centenário da canonização de São Carlos Borromeu que tornam difícil a acolhida de uma nova interpretação. Referindo-se aos movimentos da Reforma, inclusive aquela de Lutero, e aos reformadores — contrastados pelo Concílio de Trento e pelo santo bispo, símbolo da Contrarreforma católica — o papa escreve, assim:

⁸ Cfr. Leone X, *Bula Exsurge Domine* (15.06.1520). In: *Dokumente zur Causa Lutheri (1517-1521)*, v. 2: *Vom Augsburger Reichstag 1518 bis zum Wormser Edikt 1521*, a cura e con commento di P. Fabisch e E. Iserloh, Aschendorff, Münster 1991. p. 364-411 (texto latino e alemão).

⁹ Cfr. uma instrução ao núncio Chierigati e as cartas do papa publicadas. In: N. DE MICO - L. Žak. *Lettere di Adriano VI su Martin Lutero e la riforma della Chiesa, Nova Millennium Romae*. Roma, 2018. p. 190-253.

¹⁰ Pio IX, *Nostis et nobiscum* (8.12.1849). Disponível em: <https://tinyurl.com/y9kapq42>. Acesso em: 18 ago. 2020).

No meio destes males insurgiram homens orgulhosos e rebeldes, “inimigos da cruz de Cristo”... homens de sentimentos terrenos, cujo Deus é o ventre [*Fil* 3,18-19]. Tais homens não se empenharam em corrigir os costumes, mas em negar os dogmas. Multiplicaram as desordens e alargaram, tanto para si como para os outros, o freio das licenças, desprezando a liderança autorizada da Igreja, de acordo com as paixões dos príncipes ou dos povos mais corruptos, com uma atitude quase tirânica procuraram inverter a doutrina, a constituição e a disciplina. Em seguida, imitando aqueles homens iníquos, aos quais se dirige a ameaça: “Ai dos que chamam de bem o mal e de mal, o bem” [*Is* 5,20], chamaram de Reforma e a eles próprios de reformadores a este conjunto tumultuoso de rebeliões e perversões da fé e dos costumes. Mas, na verdade, eles foram corruptores, de modo que, enfraquecendo as forças da Europa com dissensões e guerras, prepararam as rebeliões e a apostasia dos tempos modernos¹¹.

Desse modo, como podemos esperar uma adesão mais ampla e convicta por parte dos católicos à proposta da nova interpretação dos primórdios da Reforma, das suas causas e dos seus protagonistas, se a interpretação anterior foi ensinada com autoridade durante séculos pelos mais importantes catecismos, incluindo o de Pio X criando raízes profundas nos corações dos fiéis e dos seus pastores, juntamente com as verdades da fé? Nos referimos, por exemplo, às seguintes palavras: “O Protestantismo ou religião reformada, como orgulhosamente a chamam seus fundadores, é o compêndio de todas as heresias que houve antes e depois dele e que podem ainda nascer para a ruína das almas” (Catecismo Maior de São Pio X, nn. 128-129).

Eis, então, o que apareceu com clareza durante o V centenário: enquanto as mais altas autoridades da Igreja, junto com tantos historiadores, teólogos e ecumenistas católicos se mostraram abertos a uma interpretação da história da Reforma em nome da descontinuidade com as interpretações precedentes, uma outra parte continuou a apoiar a interpretação tal e qual o ponto de vista dos primeiros confessionistas católicos que estavam envolvidos no confronto entre Roma e Wittenberg.

Em nossa opinião, tal situação coloca a Igreja Católica diante de uma tarefa importante que não pode mais ser adiada. Hoje, se a Igreja quiser ser autêntica e credível no seu caminho de reforma interna e, conseqüentemente, se deseja desenvolver uma convicta abertura ao princípio e à experiência de interconfessionalidade terá de refletir sobre as próprias contradições internas

¹¹ Pio X, *Editae saepe* (26.05.1910), Cf. <https://tinyurl.com/y63o5aam>. Acesso em: 18 ago. 2020.

e distanciar-se de um passado apologético e cheio de preconceitos com relação à Reforma de Lutero. É uma tarefa desafiante que, na realidade, foi recentemente enfrentada. Basta pensar, por exemplo, na busca de um novo olhar sobre a Inquisição ou sobre a relação com o Judaísmo que foi logo seguido de um pedido de perdão¹². Estamos afirmando que se trata de um novo olhar porque projeta uma revisão nas narrativas históricas e teológicas precedentes, mas é novo porque tem por objetivo reabrir um debate crítico diante das incômodas realidades históricas como, por exemplo, as perseguições, as torturas e as condenações à morte por parte dos tribunais da Santa Inquisição, a exclusão social dos hebreus emanada pelos primeiros Concílios do segundo milênio, as perseguições contra os hebreus promovidas ou apoiadas — em alguns períodos históricos e em algumas zonas geográficas — pela autoridade eclesiástica.

No caso específico de Lutero e da Reforma seria o caso de verificar com honestidade e coragem institucional o grau de verdadeira objetividade das condenações e das avaliações críticas de Leão X, Adriano VI e de outros pontífices, como também dos primeiros teólogos confessionistas e seus numerosos seguidores, admitindo formal e publicamente que a interpretação por eles fornecida do pensamento de Lutero e das suas intenções reformadoras não correspondia à realidade dos fatos. Tais juízos estavam carregados por fortes preconceitos ideológicos que, conseqüentemente, impediam que fossem instauradas condições para um diálogo teológico franco. Seria necessário admitir com um ato formal e público — acompanhado de explicações detalhadas dirigidas *ad intra*, ou seja, para todos os membros da Igreja — que a lista das teses condenadas de Lutero contidas na bula de Leão X foi o resultado de uma leitura superficial, preconceituosa e fragmentária dos seus escritos, concentradas apenas no *dictum* e não na

¹² Fazemos referência às palavras pronunciadas durante a celebração litúrgica da Jornada do Perdão em 12 de março de 2000, sob a presidência de João Paulo II e a quanto escrito no documento da Comissão Teológica Internacional, Memória e reconciliação: a Igreja e as culpas do passado (2000) cujo texto completo pode ser encontrado em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_2000307_memory-reconc-itc_po.html. Acesso em: 05 out. 2020. Para aprofundar a questão ver: L. Accattoli, Quando o Papa pede perdão. Todos os mea culpa de João Paulo II, São Paulo, Paulinas 1997; cfr. ainda MARITANO, M. *Richiesta di perdono e purificazione della memoria: la "caccia alle streghe" e il caso Galileo*. Salesianum, v. 63, p. 537-563, 2001.

intenção original e geral do autor e, assim, aquela excomunhão — mesmo que emitida de acordo com as normas de um protocolo pré-estabelecido — deveria ser evitada. Portanto, requer-se não uma fraca e parcial reabilitação do condenado, mas uma admissão explícita e pública dos erros cometidos, incluindo o erro da condenação injusta¹³ ao qual seguiu-se a prática penalizante da *damnatio memoriae*. Este seria um daqueles gestos, audazes e proféticos, que faria reconhecer a legitimidade da filiação de Lutero à Igreja Católica. Uma pertença que, afirmada por não poucos ecumenistas e estudiosos da Reforma, coincide com a exemplar fidelidade do reformador ao princípio da catolicidade que consiste na busca sincera da verdade, vivida como escuta da voz da própria consciência iluminada pela Palavra de Deus “escondida” nas Escrituras.

Esta reabilitação de Lutero, realizada no terreno de um sincero e competente confronto interno, aberto a todos os fiéis, seria da parte da Igreja de Roma não só um grande sinal corretivo, mas também seria a confirmação de que as suas intenções ecumênicas eram sinceras. E, além disso, mostraria uma Igreja que é capaz de elaborar o seu próprio passado complicado e dramático, deixando-se guiar pelo espírito de conversão segundo a verdade. Queremos lembrar que este tipo de proposta foi formulado há quatro décadas pelo célebre teólogo Tomáš Špidlík, porém, no contexto da reflexão sobre a reabilitação de outro reformador, João Hus de Praga, queimado como herege (1415) no Concílio de Constança. Partindo da consideração de que o mestre Hus — ansioso por debater com os padres conciliares a respeito de suas posições doutrinárias e morais, mas não ouvido por eles — foi um distante e incompreendido antecessor da ideia de colegialidade e de diálogo que retornou à Igreja graças ao Vaticano II. Eis as suas palavras:

Infelizmente, a pessoa de Hus foi abusada frequentemente e continua a ser como símbolo de algo que, porém, ele nunca foi. Acredito que exatamente este fato tenha influenciado muito nossa posição católica. Nos habituamos a ver os valores religiosos

¹³ Quanto à oportunidade para uma revogação da excomunhão de Lutero remetemos aos estudos de M. Moxter, *Luthers Exkommunikation - in systematischer Perspektive*, in *Zeitschrift für Theologie und Kirche* 114 (2017), pp. 417-439; R. von Sinner, *Sobre a excomunhão de Lutero e sua possível revogação. Caminhos de Diálogo. Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Interreligioso*, v. 7, p. 98-114, 2019. Verifique-se também as interessantes observações propostas por WOLFF, E. A hermenêutica ecumênica da fé cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero. *Perspectiva Teológica*, v. 49, p. 116-117, 2017.

retirados de nós e enlameados sobre uma bandeira tremulante com a imagem do mestre João Hus. Porém, é absolutamente antiecumênico fazer de um homem uma bandeira, um sinal que incita a lutar contra os outros. Por isso, agradecemos todos aqueles que recolocam o problema do mestre João Hus no seu devido lugar, ou seja, sobre o terreno da religião. E, desse modo, ele se torna centro de interesse para todos os cristãos. E quando nos livrarmos dos preconceitos, redescobriremos também aqui, como em outros casos na história, uma parte de nós, dos nossos problemas e desejos. Esta ação permitirá que se atualize o antigo lema hussita: 'a verdade do Senhor vencerá'. No entanto, enquanto ainda continuarmos a omitir consciente e arbitrariamente a palavra 'Senhor', a verdade sozinha não poderá vencer (ŠPIDLÍK, 1982, p. 2).

O teólogo Špidlík, portanto, no trecho acima, convida todos os católicos a abandonar os preconceitos e a retórica da condenação, abrindo os olhos para o verdadeiro sentido da história herética do reformador checo. Tais palavras poderiam ser aplicadas também a Lutero e a seu caso.

Contradições internas da Igreja Católica sobre as consequências da Reforma

A nossa segunda reflexão diz respeito à interpretação das consequências eclesiais, espirituais e socioculturais da Reforma. Na verdade, trata-se aqui, de avaliar o impacto do movimento reformador na vida da Igreja e da sociedade no âmbito da cultura europeia. Nota-se, também que, a propósito deste tema, as máximas autoridades romanas assumiram uma posição corajosamente descontínua em relação ao passado, manifestando-se abertamente em várias ocasiões e, em particular, durante a comemoração conjunta realizada em Lund no dia 31 de outubro de 2016¹⁴.

Em muitos aspectos as interpretações católicas precedentes são devedoras do que foi dito e ensinado sobre Lutero e a Reforma por parte dos papas já mencionados, bem como pelas primeiras controvérsias católicas que foram levadas a cabo pelos protagonistas da contra-reforma pós-tridentina. As consequências que, por exemplo, foram identificadas por Adriano VI no nível

¹⁴ Cfr. 500° della Riforma: commemorazione comune. *Il Regno - Documenti*, v. 19, p. 585-590, 2016; W. Thönissen, Vom Konflikt zur Gemeinschaft. Gemeinsames lutherisch-katholisches Reformationsgedenken in Lund. Materialdienst Konfessionskundlichen Instituts Bensheim, v. 67, p. 117-118, 2016; BURIGANA, R. «Non siamo più estranei, anzi...». Luterani e cattolici dalla contrapposizione al dialogo. *Apulia Theologica*, v. 3, p. 257-274, 2017.

da fé e da vida eclesial foram e permanecem de máxima gravidade como: a agressão aos fundamentos da religião cristã, o seu enfraquecimento e subversão, o massacre e o extermínio da verdadeira fé, o desprezo das santíssimas leis e constituições, a degradação e o abandono dos sacramentos, a zombaria para com o Evangelho, a profanação de todas as coisas divinas e humanas, etc (DE MICO; ŽAK, 2019, p. 190-193). Mas ulteriores consequências foram pressentidas em diversos níveis da vida eclesial, político-social e cultural, tais como: a trágica divisão da unidade do cristianismo ocidental e da Igreja, o início de um longo e sanguinolento período de lutas armadas entre os dois grupos da cristandade, a introdução do subjetivismo arbitrário cada vez mais dominante em quase todos os âmbitos da vida e do pensamento da sociedade européia (DE MICO; ŽAK, 2019, p. 200-201), só para citar algumas. O papa Leão XIII, retomando estas ideias e inspirando-se no seu predecessor Pio IX, culpabilizou a Reforma por outras repercussões negativas na vida da Igreja e da sociedade no que diz respeito ao nascimento de ideologias filosóficas e políticas modernas.

De fato, depois da chamada Reforma, cujos promotores e líderes lutaram radicalmente pelo poder sagrado e civil com novas doutrinas, seguiram-se principalmente na Alemanha, repentinos tumultos, rebeliões audaciosas com a deflagração de tantas guerras civis e desastres, que parecia não haver nenhum lugar imune de tumultos sanguinosos. Daquela heresia originou-se, no século passado, uma falsa filosofia, aquele direito chamado novo, a soberania popular e aquela licença que muitos consideram ser liberdade. Daí chegamos às pestes que são o comunismo, o socialismo, o niilismo, males horrendos, beirando o extermínio da sociedade civil (Leão XIII, *Diuturnum illud*)".

Colocando-se em outro ponto de vista, recentemente, o Papa Francisco propôs uma chave de interpretação que não pretende culpar Lutero e sua Reforma por essas e outras consequências negativas, limitou-se simplesmente em reconhecer que “a separação foi uma fonte imensa de sofrimentos e incompreensões”¹⁵. Por outro lado, foi estabelecido um olhar mais positivo com relação à própria divisão, que — escreve o papa aceitando implicitamente os juízos positivos sobre Lutero e sua Reforma formulados no contexto da *Lutherforschung* católica e do diálogo católico-luterano — “levou-nos a tomar

¹⁵ Francisco (2016a).

consciência sinceramente de que, sem Ele [Jesus], nada podemos fazer, dando-nos a possibilidade de compreender melhor alguns aspetos da nossa fé”¹⁶. Esta mesma forma de olhar, depois, induziu Francisco a pronunciar palavras de descontinuidade com relação às intenções reformadoras de Lutero expressando-se nestes termos:

Creio que as intenções de Martinho Lutero não fossem erradas: era um reformador. [...] Havia corrupção na Igreja, mundanidade, apego ao dinheiro e ao poder. E por isso ele protestou. Sendo inteligente, deu um passo à frente justificando por que motivo fazia isso¹⁷.

Também neste caso, a década de preparação para a celebração do V centenário, que culminou nos eventos de 2017, mostrou que, embora os líderes da Igreja de Roma tenham amadurecido uma avaliação claramente descontínua sobre as intenções da Reforma de Lutero (e de outros reformadores do século XVI) e sobre as suas consequências, outra parte do mundo católico, incluindo prelados e clero, continuaram a justificar e disseminar as opiniões dos controversistas e da contrarreforma, cujas ideias as mais altas autoridades eclesiais haviam corrigido e abandonado. Os exemplos de tal justificativa e disseminação são abundantes e podem ser encontrados em várias publicações assinadas por historiadores e teólogos. A fim de entendermos o contraste aqui delineado, poderíamos nos limitar justamente ao campo da historiografia tal como, por exemplo, pode-se ver na polêmica obra de Brad S. Gregory, intitulada *The Unintended Reformation*, com o subtítulo que diz: *How A Religious Revolution Secularized Society*¹⁸. Uma obra julgada por estudiosos da Reforma como um fracasso porque o autor aplica à reconstrução historiográfica “um sistema de referências postulados acriticamente, que não se diferencia de uma declaração ideológica” e utiliza “velhos esquemas do confessionalismo pré-bélico e ultramontano”¹⁹. (WRIEDT, 2014, p. 1464).

Podemos observar que, não obstante estes e outros importantes limites, o volume de Gregory recebeu ampla acolhida por parte de alguns

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Francisco, (2016b).

¹⁸ Gregory (2017, p. 25-55).

¹⁹ Recensão de M. Wriedt, publicada in «Theologische Literaturzeitung», v. 12 (2014), p. 1464.

grupos do catolicismo americano e europeu, inspirando alguns historiadores católicos, dispostos a aceitar acriticamente a interpretação sobre os inícios e as consequências da Reforma de Lutero. Por isso, não nos causa surpresa ver que, em uma recente monografia de um deles²⁰, dedicada explicitamente ao tema do impacto da Reforma sobre o cristianismo ocidental, retornem os mesmos juízos críticos do historiador americano. Basta pensar, por exemplo, na afirmação de que o “impacto mais grave e mais problemático da Reforma sobre a civilização ocidental” consista no atual hiper-pluralismo, conexo com a relativização, ou seja, com a “impressão relativizante segundo a qual toda a religião é objeto apenas da compreensão individual, ou seja, dos jogos de preferências subjetivas e irracionais” (PETRÁČEK, 2017, p. 64).

Para além da explícita vontade, desta ou de outras interpretações católicas, de repropor hoje os preconceitos do velho confessionalismo, os seus representantes, tanto historiadores quanto teólogos, frequentemente desconhecem uma regra hermenêutica que, ao contrário, é fundamental para este tipo de estudo. O documento *Do conflito à comunhão* refere-se a esta regra e explica: “É importante distinguir entre a teologia de Lutero e a teologia luterana” do período sucessivo (COMISSÃO LUTERANA-CATÓLICO ROMANA PARA UNIDADE, n. 93). Mas estes mesmos representantes esquecem também um outro fato, isto é, que o juízo descontínuo sobre o impacto da Reforma não é uma invenção do Papa Francisco, como se estivéssemos tratando de uma opinião referente apenas ao seu pontificado. Na realidade, ele foi antecipado já pelo seu predecessor, o qual, quando era Prefeito da Congregação da doutrina da fé, escreveu:

“Não foi talvez, de diversos modos, um bem para a Igreja católica da Alemanha e para além dela, o fato de que tenha existido ao lado da Igreja o protestantismo com a sua liberalidade e a sua devoção religiosa, com as suas lacerações interiores e a sua elevada pretensão espiritual? Certo, nos tempos das lutas pela fé, o rompimento foi quase somente feito de contraposições; mas depois foram crescendo sempre mais elementos positivos para a fé de ambas as partes, um positivo que nos permite compreender algo do misterioso ‘é necessário’ (ICor 11,19: ‘É necessário que aconteçam divisões entre vós’) de São Paulo” (RATZINGER, 1986, p. 246)

²⁰ Cfr. T. Petráček, *Západ a jeho víra. 9,5 teze k dopadům Lutherovy reformace*, Vyšehrad, Praha 2017. O autor, sacerdote católico, está muito presente nas mídias e atua como professor de História da Igreja na Faculdade de teologia católica da Universidade de Carlos de Praga e na Faculdade de pedagogia da Universidade de Hradec Králové (República Checa).

Se partirmos da herança antiluterana recebida, é possível constatar que não é simples assumir este ponto de vista para interpretar o passado e o presente da Igreja e nem é fácil para o vasto mundo católico entender e acolher com imediatez os sinais de descontinuidade oferecidos nas últimas décadas pelos seus principais dirigentes romanos com relação à pessoa de Lutero e à sua Reforma.

Contradições internas na Igreja Católica sobre a Reforma do Papa Bergoglio

A nossa terceira reflexão parte da constatação de que o decênio de preparação ao V centenário da Reforma e a sua celebração em 2017 se deu em um contexto histórico bastante particular. Em primeiro lugar, porque, em comparação com os anteriores, foi o primeiro centenário celebrado em um clima absolutamente novo, caracterizado pela abertura ecumênica recíproca entre a Igreja de Roma e a Igreja Evangélica Luterana (cf. COMISSÃO LUTERANA-CATÓLICO ROMANA PARA UNIDADE, n. 4-12). Mas é também novo o clima atual do catolicismo romano. De fato, talvez nenhum outro pontífice na história eclesial moderna e contemporânea tenha insistido tão incisivamente na renovação, aliás, na reforma da Igreja, como o faz o papa Bergoglio. É oportuno lembrar que o papa faz isso realizando gestos, pronunciando-se através de homilias/discursos e assinando documentos magisteriais que constituem uma confirmação contínua deste desejo de reforma, sempre enriquecidos por novos estímulos para sua implementação. Muitas vezes as suas palavras contêm uma crítica vigorosa a toda a Igreja, começando pelos membros da Cúria Romana, sejam esses cardeais, bispos, sacerdotes ou consagrados.

Ao mesmo tempo, nelas transparece a proposição de um contínuo caminho de reforma ousado e inovador, convidando todos os católicos a colocar-se em ação para avançar, abandonando antigos estilos e modos de ser cristãos. Suas palavras são ditas com *pathos* e coragem que nos fazem recordar facilmente o ardor de um reformador do século XVI, como

explicitamente foi reiterado por Mario de França Miranda, por exemplo²¹. Será talvez por esta razão — para além dos conteúdos das propostas e das tomadas de posição renovadoras de Francisco — que dentro da Igreja Católica se está difundindo — sobretudo nos Estados Unidos e na Europa — uma oposição tanto tácita quanto explícita com relação à sua reforma?

Qualquer que seja a resposta a esta pergunta, pode-se constatar que durante o decênio de preparação ao V centenário e a sua celebração ocorreu um fato muito curioso, mas, se considerado à luz das reflexões anteriores, é de alguma forma lógico; um fato que não requer investigações e demonstrações complexas e não diz respeito aos evangélicos/luteranos, mas exclusivamente à Igreja Católica. Referimo-nos à interconexão entre o como da recepção de Lutero e o legado de sua Reforma e o como da recepção das ideias e obras de reforma do Papa Francisco no interior da Igreja Católica. Sem querer considerar esta interligação como a única chave para interpretar os complexos fenômenos que, sem dúvida, constituem o horizonte das duas recepções, uma análise atenta das obras de teólogos e de historiadores católicos — também das posições assumidas por pastores e fiéis — mostra que na maior parte dos casos o como da recepção de Lutero e da Reforma corresponde ao como da recepção do papado reformador de Bergoglio e vice e versa. Com algumas exceções, os críticos da reforma do Papa são quase sempre os críticos do doutor de Wittenberg e da sua Reforma e, por sua vez, os católicos abertos à proposta reformadora do primeiro são, geralmente, capazes de abertura ecumênica e de uma receptividade empática muito maior em relação à Lutero e à sua Reforma.

Fazendo referência à Reforma de Martinho Lutero e ao hodierno apelo do papa Francisco, o teólogo e frade Matthias Wirtz, da comunidade de Bose, propõe uma explicação interessante segundo a qual a reforma é “um princípio crítico na Igreja que consente a continuidade da instituição” (WIRZ, 2017, p. 389). Portanto, aquilo que parecia ser um movimento destruidor ou de divisão é, na realidade, um princípio ativo. De outra maneira, é possível dizer que são exatamente estes pensamentos que deveriam ser adotados e metabolizados

²¹ «Confrontando a reforma de Lutero com a de Francisco [...], podemos constatar preocupações, objetivos e conclusões bastante próximas» (FRANÇA MIRANDA, 2017, p. 36).

por toda a Igreja Católica, para superar cada resistência diante do convite de renovação, vivendo a reforma no espírito da interconfessionalidade. A questão, colocada em seus termos diretos, é que um dos objetivos da reforma hoje deve ser a unidade de testemunho de todas as confissões cristãs.

Considerações finais

A urgência para resolver prontamente os problemas aqui citados e começar a dissolver com determinação as contradições aqui expostas não é, para a Igreja Católico-Romana, só uma questão de honestidade ecumênica, mas também de prontidão para enfrentar os desafios sem precedentes que já estão em andamento e que testam seriamente todas as Igrejas históricas tradicionais, incluídas as Igrejas Católico-Romana e Luterana. A este propósito, o teólogo luterano André Birmelé, em um recente artigo, menciona o grande desafio da difusão de um cristianismo sem denominação, existente sob a forma evangélica (os evangélicos), pentecostais e neopentecostais. De fato — explica Birmelé — numerosos são os “crentes que procuram viver conscientemente a própria fé e que vivem já em modo não-denominacional” (BIRMELE, 2018, p. 792). Estes, por uma série de razões, enxergam “as ligações confessionais tradicionais como um resíduo do passado. Grande número deles está ligado a um crescente interesse por um cristianismo do despertar. As experiências biográficas e os espaços do encontro tornam-se determinantes para a pertença eclesial” (BIRMELE, 2018, p. 792). De fato, cada vez mais numerosos membros das Igrejas históricas tradicionais, em todas as partes do mundo, começam a perceber o cristianismo não denominacional como uma boa alternativa que permite livrar-nos das dificuldades inflexíveis, limitantes dos sistemas doutrinários e estruturas eclesiais tradicionais.

Pois bem, somente uma conscientização comum e responsável sobre as referidas contradições no interior da Igreja Católica e o esforço para dissolução de tais equívocos por parte daqueles que, como bispos (em plena unidade uns com os outros e com o clero) são chamados a zelar pela saúde da comunidade de fé, poderá contribuir para o nascimento de uma nova mentalidade católica, livre de esquemas e julgamentos confessionaristas. Uma nova mentalidade capaz de perceber a si mesma e os outros cristãos com suas respectivas

comunidades a partir daquela fundamental perspectiva que o papa Francisco chama de “o núcleo essencial do Evangelho” (EG 34)²². Trata-se de uma perspectiva que convida a Igreja Católico-Romana medir e revisar, com humildade e saudável autocrítica, cada um dos seus *modus essendi, credendi et agendi* segundo o princípio da “essencialidade evangélica”, ou seja, segundo o “núcleo fundamental” identificado com “a beleza do amor salvífico de Deus manifestado em Jesus Cristo morto e ressuscitado” (EG 36). Em outras palavras, a Igreja Católico-Romana é chamada, junto com todas as Igrejas históricas tradicionais, a deixar-se “esbeltar”, “abreviar” por Deus Pai que, com seu amor como dom total de si à humanidade, abreviou o Seu próprio Verbo eterno para tornar-se compreensível e comunicar para cada mulher e cada homem o rosto do Deus Amor e, desse modo, derrubar o “supérfluo” e tudo aquilo que não está vitalmente conectado com o coração do Evangelho que é o amor infinito do Deus uno-trino para cada ser humano e para toda a criatura (cfr. EG 39-41).

Está claro, igualmente, que, no contexto histórico em que vivemos, é preciso compartilhar este chamado para o essencial, ou seja, ter a coragem de despojar-se a favor do *unum necessarium* do Evangelho de Cristo esperando, por conseguinte, que a Igreja Católico-Romana possa crescer unanimemente, como um único corpo, e possa viver com humildade diante da doutrina, culto, teologia e testemunho de fé das Igrejas e das comunidades de todas as denominações protestantes, inclusive aquelas evangélicas, pentecostais e neopentecostais. De fato, só uma unânime maturidade da consciência católico-romana, promovida pelos pastores e teólogos, permitirá que se possa dar passos mais ousados sugeridos pela já conhecida expressão Conciliar de escutar “os sinais dos tempos”. Tal escuta consiste em reconhecer, por parte da Igreja Católica-Romana, que as palavras do decreto conciliar *Unitatis redintegratio* número 17, dirigidas somente às Igrejas orientais (ortodoxas), podem ser aplicadas também às numerosas Igrejas e comunidades do mundo

²² O tema da graça é significativo aqui, em virtude, justamente de sua centralidade no diálogo católico-luterano, conforme se verifica na Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação (1999) e se estende para o documento *Do Conflito à Comunhão* (2015). A moldura da graça que perpassa este último documento é evidenciada em *O testemunho da graça no contexto da comemoração da reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano* (MAÇANEIRO, ZEFERINO e LOURENÇO, 2018).

protestante, aquelas palavras que sustentam que “no estudo da verdade revelada, o Oriente e o Ocidente usaram métodos e modos diferentes para conhecer e exprimir os mistérios divinos” e que não

admira, por isso, que alguns aspectos do mistério revelado sejam por vezes apreendidos mais convenientemente e postos em melhor luz por um que por outro e, nestes casos, deve dizer-se que aquelas várias fórmulas teológicas, em vez de se oporem, não poucas vezes se completam mutuamente” (UR, n.17)²³.

Referências

ACCATTOLI, L. *Quando o Papa pede perdão*. Todos os mea culpa de João Paulo II. São Paulo: Paulinas, 1997.

BAPTISTA, P. (Ed.). *Lutero e a Reforma: 500 anos*. Horizonte, Belo Horizonte, v. 14, n. 44, out./dez. 2016.

BIRMELÉ, A. Comprendere l'attuale situazione ecumenica. *Studi ecumenici*, v. 36, n. 3-4, 2018

BURIGANA, R. Cosa leggere? Note per una bibliografia sulla Riforma del XVI secolo e sulle sue eredità. *Revista de Teologia e Ciências da Religião*, v. 6, n. 2, p. 265-302, 2016.

BURIGANA, R. *Ecclesia semper reformata: la Riforma della Chiesa a 500 anni da Lutero*. *Paralellus*. *Revista de Estudos de Religião - UNICAP*, v. 8 n. 19, p. 407-430, 2017.

BURIGANA, R. Non siamo più estranei, anzi.... Luterani e cattolici dalla contrapposizione al dialogo. *Apulia Theologica*, v. 3, p. 257-274, 2017. CASTILLO, J. M. *Uma carta aberta ao Papa Francisco*. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/603147-uma-carta-aberta-ao-papa-francisco-por-jose-maria-castillo>. Acesso em: 28 ago. 2020.

CONCILIO VATICANO II. Decreto Unitatis Redintegratio sobre o Ecumenismo. In: DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 1997

COMISSÃO LUTERANA - CATÓLICO-ROMANA PARA A UNIDADE. *Declaração Conjunta sobre a Doutrina da Justificação* – 1999. Disponível em: <http://www.luteranos.com.br/conteudo/declaracao-conjunta-sobre-a-doutrina-da-justificacao-1999>. Acesso em: 18 ago. 2020.

²³ Cfr. E. HERMS - L. ŽAK (edd.), *Taufe und Abendmahl im Grund und Gegenstand des Glaubens*. *Theologische Studien zur römisch-katholischen und evangelisch-lutherischen Lehre*, Mohr Siebeck - Lateran University Press, Tübingen 2017, pp. 523-525.

COMISSÃO LUTERANA - CATÓLICO-ROMANA PARA A UNIDADE. *Do conflito à comunhão*. Comemoração conjunta Católico-Luterana da Reforma em 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y25wopvp>. Acesso em: 18 ago. 2020.

DE MICO, N; ŽAK, L. *Lettere di Adriano VI su Martin Lutero e la riforma della Chiesa*. Roma: Nova Millennium Romae, 2018.

DISEMBEDDING CHRISTIANITY. The Reformation Era and the Secularization of Western Society: In: DALFERTH, I. U. (ed.). *Reformation und Säkularisierung. Zur Kontroverse um die Genese der Moderne aus dem Geist der Reformation*, Mohr Siebeck, Tübingen 2017. p. 25-55.

GARRAPUCHO, F.; MAÇANEIRO, M.; WOLFF, E. (Eds.). *Igreja e Reforma. Pistis e Práxis*, Curitiba, v. 9, n. 2, mai./ago., 2017.

GREGORY, B. S. *The Unintended Reformation. How A Religious Revolution Secularized Society*. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 2012.

GREGORY, B. S. *Disembedding Christianity. The Reformation Era and the Secularization of Western Society*. In: DALFERTH, I.U. (ed.). *Reformation und Säkularisierung. Zur Kontroverse um die Genese der Moderne aus dem Geist der Reformation*, Tübingen: Mohr Siebeck, 2017, pp. 25-55.

HERMS, E.; ŽAK, L. (edd.). *Taufe und Abendmahl im Grund und Gegenstand des Glaubens*. Theologische Studien zur römisch-katholischen und evangelisch-lutherischen Lehre, Mohr Siebeck. Tübingen: Lateran University Press, 2017. p. 523-525.

JOÃO PAULO II. *Carta do ao cardeal Johannes Willebrands por ocasião do 5º centenário do nascimento de Martinho Lutero*. 31 de outubro de 1983. Disponível em: <https://tinyurl.com/y69moaqf>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FRANCISCO. *Conferência de imprensa durante o voo de regresso da Armênia*. 26 de junho de 2016a. Disponível em: <https://tinyurl.com/y3d7sjmk>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FRANCISCO. *Oração ecuménica na catedral Luterana de Lund – Homilia do Santo Padre*. 31 de outubro de 2016b. Disponível em: <https://tinyurl.com/y6g5lkgs>. Acesso em: 18 ago. 2020.

FRANÇA MIRANDA, M. *Instituição e indivíduo na reforma eclesial de Lutero e de Francisco*. *Perspectiva Teológica*, v. 49, n. 1, p.17-40, 2017.

GREGORY, B. S. *The Unintended Reformation. How a Religious Revolution Secularized Society*. Cambridge Mass: HUP, 2012.

LEÃO XIII. *Carta Encíclica Diuturnum illud*. 26 de junho de 1881. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2ajafpv>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MAÇANEIRO, M.; ZEFERINO, J.; LOURENÇO, V. *O testemunho da graça no contexto da comemoração da Reforma: perspectivas práticas do diálogo católico-luterano*. *Estudos Teológicos*, v. 58, n. 2, p. 407-422, 2018.

MAFFEIS, A. Il V Centenario della Riforma luterana: valore e significato per il cammino ecumenico della Chiesa. *Studi Ecumenici*, v. 1-2, p. 287-304, 2018.

MARITANO, M. Richiesta di perdono e purificazione della memoria: la “caccia alle streghe” e il caso Galileo. *Salesianum*, v. 63, p. 537-563, 2001.

PETRÁČEK, T. *Západ a jeho víra*. 9,5 teze k dopadům Lutherovy reformace. Praha: Vyšehrad, 2017.

PIO X. *Carta Encíclica Editae saepe*. 26 de maio de 1910. Disponível em: <https://tinyurl.com/y63o5aam>. Acesso em: 18 ago. 2020.

PIO X. *Catecismo Maior*. Roma: Tipografia Vaticana, 1905. Disponível em: <https://tinyurl.com/y2utpt3q>. Acesso em: 18 ago. 2020.

RATZINGER, J. Zum Fortgang der Ökumene. Brief an den Moderator dieses Heftes. *Theologische Quartalschrift*, v. 166, 1986.

RIVERA, D.; KAEFER, J.; RENDERS, H.; WIRTH, L.; SOUZA, S. (Eds.). 500 anos da Reforma. *Estudos de Religião*, São Bernardo do Campo, v. 30, n. 2, mai./ago., 2016.

SINNER, R. von (Ed.). Reforma: perspectivas da teologia bíblica e histórico-sistemática. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 57, n. 1, jan./jun., 2017.

SINNER, R. von. Sobre a excomunhão de Lutero e sua possível revogação. Caminhos de Diálogo. *Revista Brasileira de Diálogo Ecumênico e Interreligioso*, v. 7, p. 98-114, 2019.

ŠPIDLÍK, T. Pálčivá otázka českého ekumenismu. *Nový život*, v. 1-2, p. 35-36, 1982.

VASCONCELOS, A.; TAVARES, S. (Eds.). 500 anos da Reforma. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 49, n. 1, jan./abr. 2017.

WIRZ, M. Commemorare insieme il 2017: la Riforma, un evento ecclesiale ed ecumenico. *Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral*, Curitiba, v. 9, n. 2, 2017.

WOLFF, E. A hermenêutica ecumênica da fé cristã: uma contribuição ao diálogo entre católicos e luteranos no contexto dos 500 anos da Reforma de Lutero. *Perspectiva Teológica*, v. 49, p. 116-117, 2017.

WOLFF, E.; ZEFERINO, J.; COLET, R.; ANDRADE, R. (Orgs.). *Ecclesia semper reformanda: reflexões para além dos 500 anos da Reforma Protestante*. Curitiba: PUCPRESS, 2019.

WRIEDT, M.; KÖHLMOOS, M. Wahrheit und Positionalität. *Theologische Literaturzeitung*, v. 12, 2014, p. 1461-1464.

RECEBIDO: 28/10/2020
APROVADO: 29/11/2020

RECEIVED: 10/28/2020
APPROVED: 11/29/2020